

Leituras sobre o Inconsciente com *O Espelho* de Machado de Assis: um passeio pela alma brasileira

Comprehensions about the Unconscious with reading of the *O Espelho* by Machado de Assis: a tour of the Brazilian soul

Fabiana Villas Boas

Resumo:

A partir do conto *O Espelho*, de Machado de Assis, analiso o eleitor abstêmio das eleições presidenciais brasileiras de 2018 como paradigmático para pensar a alma brasileira. Parto da noção de universal de Frantz Fanon, trago a função especular tal como discutida por Françoise Dolto, introduzo o *das unheimliche* de Freud e trago para discussão a tese de Lélia Gonzalez sobre o racismo na cultura brasileira.

Palavras-chave:

Relações raciais; psicanálise; estranho; Machado de Assis.

Abstract:

From the short story *O Espelho* by Machado de Assis I study the abstemious voter of the 2018 Brazilian presidential elections as a paradigm for thinking about the Brazilian soul. I start from Frantz Fanon's notion of universal, I bring up the specular function as discussed by Françoise Dolto, I introduce Freud's *das unheimliche* and I discuss Lélia Gonzalez's thesis on racism in Brazilian culture.

Keywords:

Race relations; psychoanalysis; stranger; Machado de Assis.

Em *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, Machado de Assis narra a desventura de Jacobina que (des)encontra seu duplo numa estadia no sítio de sua tia. Esse homem, que Machado descreve como calado, pensativo, provinciano, capitalista, abstêmio, um tipo que não entrava em discussão, porque, como ele mesmo defendia, a abstenção o remeteria à perfeição espiritual, enquanto as discussões o levariam à bestialidade humana. É interessante pensar que esse tipo lembra muito um certo brasileiro que, nas eleições presidenciais de 2018, preferiu abster-se de seu voto, ajudando a colocar Jair Messias Bolsonaro na Presidência da República. Será que a alma humana que Machado de Assis nos apresenta é a desse brasileiro “normal”, “neutro”? Aqui, Frantz Fanon (2008) já o apontaria como o protótipo da branquitude que se coloca como a boa, bela e verdadeira – ou seja, o normal, o neutro, o universal – e compreende o negro como seu oposto, o bestial. Mas ainda não temos negros nessa história, então continuemos com a narrativa.

Pois um dia, esse abstêmio resolveu falar na roda de amigos, com uma condição: que ele pudesse ser ouvido sem interrupções, diálogos, discordâncias ou ressonâncias. Afinal de contas, Caetano Veloso e Gilberto Gil (1968) já diziam, para “Eles”, “a vida começa/no ponto final”. Não teríamos novidades se, esse “casmurro”, como o classifica Machado de Assis (2019, p.136), não tivesse apresentado uma teoria da alma enquanto duas instâncias: “uma [alma] que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. Freud, corre aqui! Para o pai da Psicanálise (2010), o aparelho psíquico é formado por uma instância consciente e outra inconsciente que funcionam de maneiras distintas. A consciência tem origem no recalque, cujo objetivo é impedir que o representante da pulsão se torne consciente, logo, o recalcado é inconsciente. Lembremos disso.

Continuando... Jacobina narra que, aos seus 20 e poucos anos, foi nomeado alferes da Guarda Nacional, o que causou admiração de algumas pessoas queridas e recalque nas inimigas. Peço licença aos ilustres colegas psicanalistas, que leem este texto, para usar a versão *funkiana* de recalque, ou seja, inveja. Considero que os ares cariocas do *funk*, como gênero musical brasileiro, periférico e expressão cultural de resistência, precisa ser incluído, de alguma forma, na discussão de uma obra machadiana, como homenagem ao próprio Machado de Assis, carioca de origem periférica, que resistiu como homem negro e existiu como nosso maior escritor. Dado um jeito de homenagear a cultura brasileira com a cultura brasileira, podemos seguir.

Jacobina foi visitar a sua tia Marcolina em seu sítio e diz que sofreu uma espécie de sequestro pela senhora que o manteve ali por um tempo. Ela era viúva de outro militar e resolveu matar a saudade do marido com o sobrinho, tratando-o com todos os obséquios possíveis destinados a um alferes. Era

um “alferes para lá, alferes para cá”, todos na casa, inclusive os escravos, só o reconheciam como alferes. Nesse momento, aparece o famigerado espelho: a melhor peça da casa é oferecida para acompanhar o alferes em sua estada ali. Retomemos o título completo do conto *O espelho: o esboço de uma nova teoria da alma humana*. A essa altura do processo, começo a acreditar que Lacan leu Machado de Assis e não deu os créditos. Enfim, de tanto passar pelo espelho da tia, Jacobina vira só o alferes.

Como estou desconfiada da integridade intelectual de Lacan, vou me referenciar à Dolto para pensar o *Espelho*. Para Dolto (2017), a relação escópica da criança com o espelho é a de menos, o que deveríamos valorizar é a dimensão relacional e simbólica dessa experiência. Para ela, a criança reconhece a si mesma através da mãe que a representa através da linguagem mímica e vocal a cada encontro entre ambas. Dessa forma, a imagem de si é construída na relação com a mãe. Nessa relação dialética com o outro, construímos uma imagem do corpo que não corresponde totalmente ao esquema corporal. Esse desencontro aponta para uma ferida narcísica e para a entrada no simbólico.

No entanto, não é bem isso o que acontece com Jacobina na relação com sua tia. Ainda a partir de Dolto, é possível inferir que a relação especular à qual foi submetido não permitiu que ele encontrasse alguém do outro lado do espelho, e sim, “apenas a dureza e a frieza de um espelho, ou uma superfície de uma água dormente na qual, atraídas no encontro com o outro, tal como Narciso, não encontra ninguém: apenas uma imagem.” (2017, p.121)

No caso, a imagem do alferes. Se para alguns, atravessar o espelho pode levar para o mundo das relações simbólicas, para outros, a situação pode ser dessimbolígena, se a criança não reconhece o seu corpo como seu (DOLTO, 2017). É nesse momento que surge o duplo de Jacobina: o alferes.

Freud (2020, p.69), apoiado em Otto Rank, descreve a origem do duplo como “uma garantia contra o declínio do Eu”, num período em que a criança não diferencia mundo interno e externo, quando o animismo ainda é presente, no narcisismo primário, fase em que ela investe sua libido em si própria e acredita na onipotência dos seus pensamentos. Com o passar dessa fase, o duplo ficaria presente como *das unheimliche*, termo que possui diversas traduções, prefiro a de ‘estranho familiar’. O estranho familiar é aquilo que deveria estar recalcado, mas encontra uma maneira de vir à tona através da experiência de estranhamento. Ressaltando que a gente só estranha o que conhece. Então, se originalmente o duplo tinha o objetivo de proteger, passado o narcisismo primário, ele vem dar sinais daquilo que o psiquismo rejeita, mas o que o psiquismo de Jacobina rejeita tanto a ponto de emergir um duplo na sua experiência na casa da tia?

Sigamos com a história. Quando o duplo já tinha se instalado, a tia Marcolina recebeu a notícia de que uma de suas filhas estava gravemente enferma. Ela e os outros moradores da casa grande foram ao encontro da moça e deixaram o alferes com os escravos. Nesse momento, Jacobina sente “uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p.138). Ao mesmo tempo, os escravizados passam a ser mais gentis, respeitosos e alegres. Algo bem diferente dos seres bestiais dos quais o alferes tenta se diferenciar desde o começo do conto, quando explica o porquê de evitar discussões. Para desolação de Jacobina, os escravizados fogem ao longo da madrugada, o que para ele, segundo suas próprias palavras, isso é pior do que a morte. Por quê?!

No início do conto *O Espelho*, e desse artigo, vemos a apresentação de Jacobina como um brasileiro padrão, que evita humores inflamados ou uma “postura radical” – “nem de direita, nem de esquerda, e sim, de centro”, como diriam hoje. Jacobina vai para casa da tia, que abriga alguns familiares e pessoas escravizadas. Lá é tratado como Senhor e se perde no seu duplo. Ao ficar sozinho com as pessoas escravizadas, gentis e alegres, diferentes da bestialidade que ele infere inicialmente, Jacobina se desorganiza mais e mais a ponto de se sentir preso. A partir daí, as pessoas escravizadas ficam livres. Essa situação, pior que a morte, nos remete à dialética do senhor e do escravo. Em que um depende do outro, necessariamente, para exercer seu papel. E, como esperado dentro do campo dialético, parece que o jogo virou.

Machado de Assis nos leva a pensar a dialética do senhor e do escravo proposta por Hegel (2001): duas pessoas disputam por algo, uma ganha e escraviza a outra. O escravo, por medo da morte, aceita trabalhar para o senhor. Contudo, nessa relação, quem depende de quem? O senhor permanece em liberdade, mas passa a depender do trabalho do escravo, que perdeu a liberdade. Se o senhor depende do escravo para ser senhor, já não é mais tão senhor assim. Então, pela via do trabalho, o escravo deixa de ser um ser para o outro e passa a ser um ser para si. Então, a situação era pior que a morte, porque Jacobina não perdeu apenas escravos/mercadorias, ele perdeu o lugar de senhor de si.

Invoco a ilustríssima Lélia Gonzalez para nos acompanhar a partir daqui. Ela, por sua vez, chama Lacan, então, sou obrigada a des-desconfiar do psicanalista francês, por amor à Lélia. Ao longo do artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, Gonzalez (2020) questiona o fato de o brasileiro reconhecer como coisa de brasileiro aquilo que veio de África, de afirmar que vivemos numa democracia racial e ao mesmo tempo dizer que somos racistas reversos quando questionamos essa tese. A autora afirma que “colocamos o dedo na ferida deles” (branquitude brasileira) ao subverter a ordem pré-estabelecida (GONZALEZ, 2020, p.91). Que ordem? Gonzalez (2020) remonta a dialética

do senhor e do escravo, tal como relida por Lacan no *Seminário 17*, para nos apresentar sua tese da neurose cultural brasileira.

Nesse seminário, Lacan (1992) apresenta a teoria dos discursos. Estes seriam aquilo que sustenta os laços sociais, que unem pessoas, ao mesmo tempo que negam algo, que deixam algo de fora, no caso, o mal-estar, a partir de como Freud descreve em *O Mal-Estar na Civilização*. Essa negação merece destaque e mais adiante veremos como ela aparece na tese de Lélia Gonzalez. Por hora, vamos compreender de que se trata a dialética do senhor e do escravo na teoria lacaniana dos discursos. Todo discurso é composto por quatro lugares:

FIGURA 1 – DISCURSO

O agente é aquele que inicia o discurso e se dirige ao Outro, o princípio de alteridade radical. Na relação do agente com o Outro é extraída uma produção que tem efeito de satisfação. Essa produção fica em torno da verdade, que está sempre oculta, é algo que nunca pode ser alcançado.

A partir daqui, podemos falar do discurso do mestre. Dentro da lógica colocada, ele se apresenta como:

FIGURA 2 – DISCURSO DO MESTRE

S1 (significante mestre) ocupa o lugar de agente; S2 (o saber) o do Outro; \$ (sujeito barrado) ocupa o da verdade e *a* (pequeno a, como o mais-de-gozar), ocupa o lugar da produção. S1 (o senhor) detém o poder e incita o S2 (escravo) a produzir. S1 tem um saber teórico e S2 um saber prático. Como o senhor se coloca como o dono do poder, não pode se mostrar como sujeito castrado (\$). Então \$ fica no lugar da verdade, que está oculta, e sustenta o S1. *a* é o lugar do gozo tanto para S1 quanto para S2. Em suma, o senhor que detém de um saber teórico faz o escravo produzir, da produção tem algo que o escravo não vai possuir, que é expropriado dele. Toda essa relação é sustentada por uma verdade oculta, que é a castração do senhor, ou seja, o fato de que o senhor não é todo.

Voltando à Gonzalez (2020), a psicanalista brinca com o discurso do mestre para falar das relações raciais no Brasil: apresenta S1 como o negro, e S2 como o branco. O que, supostamente, estaria invertido, uma vez que o negro (escravizado) estaria no lugar do branco (senhor). No entanto, segundo Gonzalez (2020), o negro brasileiro já subverteu a ordem estabelecida há algum tempo, e essa é uma verdade encoberta. Não seria à toa que ele é considerado ladrão aonde quer que vá, porque ele roubou o S1. Ao mesmo tempo, a branquitude violentaria os negros, porque sabe que não é mais senhora. O que representa o Brasil não é pizza, mas feijoada; não é fado, mas samba e *funk*; não é Camões, mas Machado de Assis.

Falando nele, vamos retomar o conto. Não seria isso o que acontece com Jacobina? Diante da relação com seu estranho familiar, emerge o duplo como defesa diante do horrível, que é se reconhecer como bestial? Fanon (2008) já descrevia o mecanismo da branquitude de projetar no mundo negro sua parte insólita e não civilizada, de maneira a eliminar tensões que poderiam comprometer seu equilíbrio. No conto, Machado de Assis nos mostra os efeitos perturbadores, em Jacobina, de entrar em contato de forma abrupta com um familiar que fora recalcado e projetado no outro. Ao fugirem, os escravizados o deixaram à mercê de si mesmo, virando o jogo, ou subvertendo a ordem, como Lélia Gonzalez (2020) propõe.

Apesar de S1 e S2 terem mudado de posição, segundo a tese da neurose cultural brasileira, a verdade segue encoberta. Contudo, a verdade se dá a ver nas manifestações culturais, no encobrimento e na tentativa de apagamento dos responsáveis pela criação e disseminação dessas mesmas manifestações, na desorganização da branquitude diante do seu estranho, na tentativa desse mesmo grupo de se manter abstermido diante de representantes do fascismo e, ainda, entre outras situações, quando uma pessoa negra é acusada sem provas de roubar algo de um representante da branquitude, o que na verdade significa ser acusada de exercer sua liberdade de ir e de vir.

REFERÊNCIAS

- DOLTO, F. O espelho. In: *A imagem inconsciente do corpo*. p.120-134. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: R. Silveira. Salvador: Editora Edufba, 2008.
- FREUD, S. O inconsciente. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução: P. C. Souza. p.99-150. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O infamiliar. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud. O infamiliar e outros escritos*. Tradução: E. Chaves e P. H Tavares. p.27-150. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: F. Rios e M. Lima Orgs. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. p.75-93. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HEGEL, G.W.F (2001). Independência e dependência da consciência de si: dominação e escravidão. In: *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: P. Meneses e K.H Efen. p.126-140. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- LACAN, J. *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução: A. Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *O Espelho e outros Contos*. p.135-142. Jandira: Principis, 2019.
- VELOSO, C. E GIL, G. Eles. In: VELOSO, C. *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Warner Chappell Music, 1968.